



UFMG recebe
calouros com
aula magna sobre
direitos humanos

Página 4



NO DIVÃ DA INTERNET

Sete em cada dez pessoas em situação de sofrimento mental que buscam apoio em comunidades da internet melhoram seu “tom emocional”, estima estudo desenvolvido no Departamento de Ciência da Computação (DCC). O trabalho indica que as trocas de experiências e os aconselhamentos oferecidos nessas redes, ainda que não sejam especializados, contribuem para melhorar o bem-estar dos indivíduos que delas participam.

Página 5

REFORMA TRIBUTÁRIA: é preciso ir além da SIMPLIFICAÇÃO

Fabrizio Missio*
Diogo Santos**

Desde a publicação do trabalho de Piketty, em 2014, que mostrou a elevada concentração de riqueza em diversos países, o crescimento da desigualdade ganhou espaço no debate internacional. Recentemente, a Organização das Nações Unidas (ONU) informou que dois terços da população mundial vivem em países em que a desigualdade de renda tem aumentado. A Oxfam (2020) indicou que o grupo do 1% mais rico detinha, em 2019, riqueza equivalente ao dobro da riqueza de 6,9 bilhões de pessoas. O Brasil, segundo o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD, 2019), ocupa o segundo lugar na lista de países com maior concentração de renda. Aqui, o 1% mais rico detém 28,3% da renda total.

Desigualdade de renda e sistema tributário estão estreitamente conectados. Os índices de Gini da América Latina e da União Europeia (UE) medidos exclusivamente sobre a renda originada no mercado, isto é, salários, juros, lucros etc., são respectivamente 0,51 e 0,47. Quando calculados após a incidência da tributação e das transferências, os índices caem respectivamente para 0,48 e 0,30. Ou seja, o sistema tributário dos países membros da UE é o grande responsável pela baixa desigualdade de renda da região.

O atual sistema tributário brasileiro aprofunda a desigualdade de renda por conta da alta incidência de tributos que recai sobre o consumo. Ao mesmo tempo, é reduzida a tributação sobre a renda e o patrimônio (que afetaria as classes mais ricas). Enquanto no Brasil não há tributação de dividendos da pessoa física, entre os países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) a média dessa tributação é de 24,1% da carga tributária total. Por outro lado, a participação da tributação de bens e serviços aproxima-se de 50% da carga tributária no Brasil – 32% em média na OCDE. No Brasil, as classes sociais com menor poder aquisitivo são penalizadas.

Existe, portanto, amplo espaço de atuação para as políticas públicas que visam enfrentar o problema da desigualdade. Esse é o caso

da política tributária, e o objetivo da reforma deveria ser o de cumprir o princípio constitucional da justiça tributária. Algumas medidas fundamentais para a correção de distorções seriam a redução da tributação sobre o consumo e a produção e a taxação de dividendos, grandes fortunas e grandes heranças. Uma das principais fontes de renda dos muito ricos, a distribuição de dividendos às pessoas físicas é, desde 1996, isenta de tributação no Brasil. Também são exemplos de medidas que poderiam ser adotadas a redução das desonerações e o combate à sonegação.

As propostas de reforma tributária em debate no Congresso (PEC 45/2019, na Câmara, e PEC 110/2019, no Senado) não incorporam essas medidas e tampouco enfrentam o problema da falta de justiça tributária. Ambas concentram-se quase exclusivamente na simplificação. Em suma, a PEC 45 propõe a substituição dos cinco principais tributos sobre o consumo (ISS, ICMS, IPI, PIS e Cofins) por um imposto sobre valor adicionado com legislação nacionalmente unificada, de alíquota única entre os bens e serviços e alíquota total estimada em 26,9% (Orair e Gobetti, 2019). Esse tributo será chamado de Imposto sobre Bens e Serviços (IBS). Está nos planos, ainda, a criação de um imposto seletivo (IS) a incidir sobre bens considerados individual e socialmente danosos, como cigarros e bebidas alcoólicas.

Os principais objetivos das PECs são a ampliação da eficiência do sistema tributário, por meio da redução de custos das empresas com gestão das obrigações tributárias, e extinção de impostos em cascata. Ou seja, a expectativa é que a reforma não alterará a carga tributária global da economia, mas promoverá um sistema mais eficiente. As propostas também preveem a eliminação da guerra fiscal entre os estados, uma vez que o IBS será recolhido exclusivamente no estado de destino, isto é, onde o bem ou serviço é consumido. Desse modo, não será possível aos estados oferecer isenções de ICMS para atrair atividades produtivas. Essas políticas provocaram a erosão da base de tributação e, conseqüentemente, o comprometimento

das contas públicas de muitos governos estaduais. Para diminuir a resistência dos estados que inicialmente perderiam receita com essa mudança, está previsto um prazo de transição entre o antigo e o novo sistema.

Todas as mudanças sugeridas nas reformas são relevantes e bem-vindas. Ninguém em sã consciência é contra a simplificação tributária e os ganhos de eficiência. O péssimo desempenho do Brasil no Relatório Doing Business 2020 deixa claro o quanto estamos atrasados e precisamos avançar.

Não obstante, as propostas até então apresentadas são demasiadamente tímidas e não atacam o problema fundamental: o sistema tributário é essencialmente injusto. Ademais, existem algumas preocupações em relação ao atual desenho das reformas. A primeira diz respeito à falta de clareza sobre como prevenir que a alíquota única do IBS implique aumento de tributação para as famílias de baixa renda. Prevê-se a devolução parcial de impostos a essas famílias, porém sem estabelecer o mecanismo para realizar essa operação. A segunda e talvez mais importante preocupação é a possibilidade de desvinculação orçamentária, sobretudo da seguridade social, que a eliminação dos atuais impostos pode embutir. Esse risco é ampliado por conta das medidas já tomadas e das intenções declaradas do atual governo de realizar uma desvinculação total do orçamento da União.

Em resumo, ambas as propostas incorporam medidas paliativas, mas não atacam o problema da elevada regressividade do sistema tributário brasileiro. Tornar o sistema mais progressivo reduz a desigualdade e amplia a eficiência econômica. A reforma tributária é uma boa oportunidade para reduzir a distância entre o Brasil que somos e o que sonhamos ser. Mas, para isso, é preciso ir além da simplificação.

*Professor do Departamento de Economia da Face/UFMG

**Doutorando do Programa de Pós-graduação em Economia do Cedeplar/UFMG

Esta página é reservada a manifestações da comunidade universitária, por meio de artigos ou cartas. Para ser publicado, o texto deverá versar sobre assunto que envolva a Universidade e a comunidade, mas de enfoque não particularizado. Deverá ter de 5.000 a 5.500 caracteres (com espaços) e indicar o nome completo do autor, telefone ou correio eletrônico de contato. A publicação de réplicas ou trélicas ficará a critério da redação. São de responsabilidade exclusiva de seus autores as opiniões expressas nos textos. Na falta destes, o BOLETIM encomenda textos ou reproduz artigos que possam estimular o debate sobre a universidade e a educação brasileira.

ACORDO de EXCELÊNCIA

UFMG e Johns Hopkins University formalizam parceria que vai incrementar pesquisas e publicações conjuntas, troca de informações e intercâmbio de docentes e estudantes

Itamar Rigueira Jr.

A parceria entre a UFMG e a Johns Hopkins University (JHU), dos Estados Unidos, que tem sido marcada por iniciativas pontuais, foi formalizada recentemente em acordo de cooperação para ações como intercâmbio de professores e estudantes, pesquisas conjuntas, troca de informações, publicações, promoção de programas de extensão, cursos, palestras e simpósios. O compromisso tem validade de cinco anos.

A iniciativa é mais um fruto do esforço da UFMG por aproximação mais forte com instituições de excelência em diversos países. A JHU está entre as 12 melhores universidades do mundo, segundo o ranking 2020 da Times Higher Education (THE).

O diretor adjunto de Relações Internacionais da UFMG, Dawisson Lopes, salienta que, diferentemente das instituições de países como Brasil, Portugal, Espanha e França, que decidem mais rapidamente apoiar parcerias em documentos formais, as universidades anglo-saxônicas esperam resultados consistentes de ações iniciais. “Se chegamos a oficializar um vínculo com a Johns Hopkins, é porque atingimos qualidade de cooperação, com alto grau de confiança”, diz.

Segundo o coordenador do Centro de Estudos Norte-americanos da UFMG (Cena), Aristóteles Góes Neto, a tendência é que, num

primeiro momento, seja incrementada a parceria nas áreas de ciências biológicas, biomédicas e bioinformática, em que ações de intercâmbio já vinham sendo realizadas.

“O acordo firmado amplia oportunidades em diversos campos do conhecimento. Poderemos lançar editais e chamadas em conjunto, aportar recursos e organizar eventos”, diz o professor do Instituto de Ciências Biológicas, também coordenador da pós-graduação em Bioinformática. Ele ressalta que, particularmente nessa área, uma aliança mais forte entre as duas universidades é muito relevante. “No mundo digital, é crucial avançarmos na capacidade de análise de enormes volumes de dados.”

‘Fruto amadurecido’

O acordo de cooperação acadêmica com a Johns Hopkins University (www.jhu.edu) prevê que cada caso de ação conjunta seja formalizado por meio de instrumento jurídico específico, acompanhado de plano de trabalho, com atividades, cronogramas, responsabilidades, fontes de financiamento e outras informações. O prazo de vigência (cinco anos) poderá ser prorrogado, e o encerramento desse prazo não implicará interrupção das atividades em andamento.

Segundo Dawisson Lopes, o acordo com a JHU é o “primeiro fruto amadurecido” da atuação do Centro de Estudos Norte-americanos, criado em junho de 2019. “Há outros projetos germinando com os Estados Unidos”, antecipa o professor do Departamento de Ciência Política da Fafich, que fará, em breve, visita de prospecção à Missouri Southern State University. Ele revela também que professores da Faculdade de Letras da UFMG e da University of California, Irvine elaboram cursos a distância de literatura brasileira e de português como língua adicional.

A atual gestão da UFMG tem investido também, acrescenta Lopes, em contatos efetivos com representações diplomáticas de Estados com parques universitários relevantes, encarregadas de educação, cultura, ciência e tecnologia.



Campus da Johns Hopkins University, nos EUA: parceria formalizada

ANTÍDOTO para a ESCASSEZ

Proposta de regulamentação de reúso da água feita por INCT sediado na UFMG é inédita em Minas Gerais

Integrantes do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em ETEs Sustentáveis (INCT ETEs Sustentáveis), sediado na Escola de Engenharia da UFMG, participaram ativamente da elaboração de proposta de reúso de água para Minas Gerais. A prática ainda é inédita no estado e pouco comum no Brasil. A proposta prevê economia de recursos, evita desperdícios e contribui para mitigar problemas de escassez hídrica.

Discutido por mais de um ano pelos pesquisadores que integram o INCT, juntamente com técnicos do Instituto Mineiro de Gestão das Águas (Igam), o documento segue para os trâmites institucionais e, se aprovado pelo

Conselho Estadual de Recursos Hídricos, será publicado como deliberação normativa.

Proveniente do tratamento de esgoto, a água para reúso é obtida após passar por uma série de etapas, a fim de evitar problemas de saúde pública ou desequilíbrios ambientais. O estudo do INCT ETEs Sustentáveis prevê, entre outros cuidados, que a água não poderá ser utilizada para consumo humano ou para regar jardins ou campos de futebol, onde há maior possibilidade de contato com as pessoas.

O esgoto é composto de 99,9% de água e, após tratado, é destinado a um corpo hídrico. Com a regulamentação do reúso,

esse material tratado poderá ser destinado, por exemplo, à agricultura, pilar fundamental da economia brasileira, que responde por cerca de 70% do consumo de água no país. O reúso, especificamente na forma de fertirrigação, supre parte da demanda hídrica dos cultivos e aporta importantes nutrientes para o crescimento das plantas.

Mais informações sobre o INCT ETEs Sustentáveis podem ser obtidas pelo telefone (31) 3409-1946 e pelo e-mail inct.etes.sustentaveis@gmail.com. Em vídeos, o professor Rafael Bastos (<https://bit.ly/2P9FKMO>) e a diretora do IGAM, Marília Melo (<https://bit.ly/2SViJOM>), abordam o assunto.

Aqui, o **BRASIL** se **ENCONTRA**

UFMG reforça seu caráter diverso ao receber calouros de todas as regiões do país, negros, indígenas e pessoas com deficiência

Teresa Sanches

Nesta segunda-feira, 2, a UFMG abre seu primeiro período letivo, com uma programação especial para receber os cerca de três mil estudantes aprovados na primeira edição anual do Sisu 2020 e do Vestibular de Habilidades. Em solenidades que ocorrem às 9h e às 19h, no auditório do Centro de Atividades Didáticas de Ciências Humanas (CAD I), campus Pampulha, a reitora Sandra Regina Goulart Almeida e o vice-reitor, Alessandro Moreira, dão boas-vindas aos calouros.

A primeira aula será ministrada em seguida pela professora Marlise Matos, do Departamento de Ciência Política da Fafich, que falará sobre *Direitos humanos e vida universitária*. Ainda como parte da programação, os calouros assistirão à apresentação do Grupo de Percussão da Escola de Música, coordenado pelos professores Fernando Chaib e Fernando Rocha. Os estudantes do noturno participam da mesma programação.

Até o dia 30 de março, a Pró-reitoria de Assuntos Estudantis (Prae), responsável pelas políticas de assistência estudantil e ações afirmativas da Universidade, disponibiliza aos estudantes a Tenda Viver UFMG, na Praça de Serviços, das 8h às 19h, de segunda a quinta-feira.

Os estudantes serão orientados sobre a rotina acadêmico-administrativa, os programas de assistência à moradia, alimentação, transporte, saúde, esportes e cultura. Também integram a programação da Tenda Viver UFMG rodas de conversa, oficinas culturais,

cinema, forró e passeios pelo campus. As inscrições devem ser realizadas pela internet (<https://bit.ly/32dtEYt>). Na tarde desta segunda, das 14h às 16h, serão promovidos a caminhada cultural no campus Pampulha e passeios de ônibus com destino a dois espaços da UFMG: Museu de História Natural e Jardim Botânico (MHNJB) e Estação Ecológica. O ponto de partida e de chegada será sempre na Praça de Serviços.

Cara do Brasil

Segundo o pró-reitor de Assuntos Estudantis, Tarcísio Mauro Vago, nos seus quase 93 anos de história, a UFMG se enriquece com a chegada desses estudantes, que também trazem suas histórias, experiências e sonhos. “Essa nova geração de estudantes encontrará uma universidade que é a cara do Brasil, uma comunidade de cerca de 60 mil pessoas com representantes de todos os estados (exceto Acre), negros (pretos ou pardos), indígenas, quilombolas, brancos, pessoas com deficiência, além de oriundos de países da Europa, África e América. Esse mundo aqui representado é uma oportunidade que mistura formação profissional, cultural e social”, observa.

Durante a aula inaugural do semestre, a professora Marlise Matos promete “estimular os estudantes a refletir sobre o processo de produção do conhecimento na universidade e o papel desse espaço como campo de conhecimento científico e de retórica e poder no enfrentamento das desigualdades e de toda forma de opressão”.

“Sinto-me honrada com o convite para conduzir a aula inaugural sobre um tema que é muito caro na minha trajetória. Acredito que o sistema de ensino tem o papel de disseminar valores éticos, humanos, formando sujeitos críticos em relação à realidade e conscientes sobre as nossas políticas”, acrescenta Marlise.

Segundo a professora, a universidade acaba refletindo e replicando as violações de direitos existentes na sociedade na qual ela está inserida. Os estudantes serão chamados a fazer uma reflexão sobre as diversas formas de opressão, sobre a função das universidades, sobretudo públicas, na produção de conhecimento que seja prudente e responsável nesse contexto de desigualdades e violências.

A trajetória da professora Marlise Matos passa pela coordenação do Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher (Nepem), pela Formação Transversal em Direitos Humanos e pela Escola de Verão – Educação em Direitos Humanos, a primeira iniciativa da Cátedra de mesmo tema, que reúne universidades públicas do Brasil, Paraguai, Uruguai e da Argentina.

Estudantes internacionais

De 2 a 4 de março, 116 estudantes de cerca de 20 países participam da Semana de Orientação do Estudante Internacional da UFMG, promovida pela Diretoria de Relações Internacionais (DRI). A programação inclui apresentações sobre a Universidade, dicas culturais sobre Belo Horizonte e passeios pelo campus Pampulha.

Nesta segunda, os alunos serão recepcionados a partir das 9h, no auditório 4 da Faculdade de Ciências Econômicas (Face), pelo diretor de Relações Internacionais, Aziz Tuffi Saliba. Em seguida, o professor da Faculdade de Letras Henrique Leroy apresentará aos estudantes as oportunidades para aprender português como língua adicional.

Na terça, das 14h às 16h, na Arena da Praça de Serviços, os calouros internacionais encontrarão com seus padrinhos e madrinhas, voluntários da comunidade acadêmica da UFMG. Eles ajudarão seus afilhados ao longo do semestre letivo em rotinas acadêmico-administrativas e na adaptação cultural, participando de eventos, sugerindo programações para fins de semana, apresentando as unidades acadêmicas da UFMG, entre outras atividades. A programação da recepção está disponível em <https://bit.ly/2Va5koL/>.



Veteranos deram boas-vindas aos colegas calouros durante o registro presencial

ALENTO nas REDES

De cada dez pessoas que buscam apoio em mídias sociais para situações de sofrimento mental, sete têm seu quadro melhorado, revela pesquisa do DCC

Ewerton Martins Ribeiro

Levantamentos feitos pela Organização Mundial de Saúde (OMS) indicam que, neste início de século, uma em cada quatro pessoas será afetada em algum momento da vida por alguma doença mental e que, até 2030, a depressão se tornará a doença mais comum do mundo e a maior causa de perdas para a população no campo da saúde pública. Ao alertar para os prejuízos não apenas sociais, mas também econômicos dessa epidemia, a OMS tem lembrado que as principais vítimas são justamente as pessoas mais pobres dos países em desenvolvimento, que, além de disporem de menos recursos para tratar os transtornos mentais, não costumam contar com uma cultura de saúde mental bem estabelecida.

Como consequência desse cenário, as redes sociais e suas comunidades têm-se configurado em campo de intensa discussão de tópicos relacionados à saúde mental, como ansiedade, depressão, bipolaridade e ideação suicida, em paralelo ao trabalho especializado desenvolvido em divãs psicanalíticos e consultórios psiquiátricos. A despeito das fundadas preocupações dos campos da psicologia e da psiquiatria em relação a essa tendência, estudos têm indicado que as trocas de experiências e os aconselhamentos oferecidos nessas redes, ainda que não sejam especializados, colaboram, em geral, com a melhoria do bem-estar dos indivíduos que delas participam.

Para entender como as interações feitas por meio de posts e comentários nas redes sociais contribuem para a alteração do “tom

emocional” de seus usuários, a pesquisadora de ciência da computação Bárbara Silveira Fraga traçou a caracterização dos usuários de quatro grandes comunidades (Depression, SuicideWatch, Anxiety e Bipolar) do site de fóruns Reddit – rede social que conta com mais de 300 milhões de usuários ativos por mês – e analisou a evolução do tom emocional de seus posts e comentários de 2010 a 2017. O trabalho foi apresentado como dissertação de mestrado no fim do ano passado no Programa de Pós-graduação em Ciência da Computação da UFMG.

O estudo mostra que a expressão de sentimentos dos usuários dessas comunidades efetivamente mudou ao longo do tempo e que, em 68% dos casos, essa mudança foi para melhor, um indício, segundo Bárbara Silveira, de que “o apoio e incentivo entre usuários dessas comunidades são eficazes para melhoria das condições da saúde mental de seus participantes”. Ao longo do período estudado, o tom emocional dos participantes mudou para melhor em todas as comunidades. “O tom emocional do último comentário feito pelos autores dos posts nas *threads* [fios de conversas que se encadeiam em linhas do tempo nas redes sociais] foi melhor que o tom emocional de sua mensagem inicial em 62,3% dos casos no Bipolar, em 67% dos casos no Depression, em 71% dos casos no SuicideWatch e em 71,8% dos casos no Anxiety. Isso mostra que os usuários tendem a melhorar seu humor, ou ao menos a sua expressão de humor, dentro da árvore de discussão”, explica Bárbara Silveira.

Bárbara utilizou uma ferramenta de análise textual de sentimentos chamada Vader, cujo dicionário léxico foi construído justamente em um contexto de mídias sociais. “O *corpus* do Vader é composto de dados de redes sociais, o que o ajuda a compreender melhor os conteúdos nelas veiculados”, explica Bárbara. Além de valer-se de atributos psicolinguísticos e atributos relacionados a informações sintáticas e semânticas, a ferramenta considera *emoticons*, gírias e siglas em suas análises.

‘Bots da guarda’

Além de mapear a evolução do tom emocional dos participantes das comunidades estudadas, a pesquisadora propõe modelos preditivos capazes de captar automaticamente e em tempo real a variação do tom emocional dos usuários de redes sociais. “Uma possível aplicação desses modelos é auxiliar intervenções promovidas por profissionais da área de saúde em redes sociais”, explica Bárbara. Segundo ela, os modelos poderiam ser configurados para “rodar por trás” das redes sociais com chaves de alerta para conjuntos de respostas-padrão, atuando como *bots* (softwares concebidos para simular ações humanas à maneira de um robô, mas no ambiente virtual). À medida que captassem indicadores graves de sofrimento mental e riscos iminentes, esses modelos poderiam alertar automaticamente um profissional humano sobre os casos específicos. “Os resultados do trabalho podem ser utilizados no monitoramento de usuários que sofrem de transtornos mentais. Ao identificar [por meio dos modelos preditivos] que o usuário não está melhorando seu tom emocional, especialistas podem intervir para evitar uma situação extrema”, sugere Bárbara Silveira Fraga.

Dissertação: *Caracterização e previsão do tom emocional dos usuários das comunidades on-line de transtornos mentais*

Pesquisadora: Bárbara Silveira Fraga

Orientadora: Ana Paula Couto da Silva

Coorientador: Fabrício Murai Ferreira

Defesa: 8/11/2019, no Programa de Pós-graduação em Ciência da Computação (PPGCC), do Departamento de Ciência da Computação (DCC) da UFMG



Bárbara Silveira durante a defesa: caracterização dos usuários de quatro grandes comunidades

COMO MUDOU?

Aplicativo sobre mudanças climáticas desenvolvido por grupo do DCC recebe menção honrosa em competição promovida pela Nasa

Samuel Resende

O time goto.lua, formado por estudantes do Departamento de Ciência da Computação (DCC) da UFMG, foi premiado recentemente com menção honrosa ao ficar entre os 11 primeiros colocados no Nasa Space Apps Challenge, competição internacional promovida pela Nasa, agência espacial dos Estados Unidos.

O projeto *How did it change? (Como mudou?)*, elaborado por Alexandre Alphonsos, Bruno Conde Kind e Jerônimo Nunes, mostra visualmente como foram ocorrendo as mudanças climáticas ao longo do tempo, com base em variáveis como carbono, ozônio, vapor da água, temperatura e radiação. O aplicativo possibilita selecionar um dos vários conjuntos de dados fornecidos pelo projeto Nasa Earth Observations (NEO) e buscá-los em ordem cronológica.

A Nasa disponibiliza uma biblioteca, a WorldWind, que serve para localizar as coordenadas do globo e desenhar por cima dele. “O detalhe é que ela mostra apenas um dado por vez e não tem como ‘animar’ as mudanças. O que a gente fez foi listar os dados do NEO, pegá-los em intervalos anuais e interceptar as chamadas da WorldWind

de forma a alterar o que ele estava mostrando e expandir sua capacidade. Com isso, foi possível fazer a transição entre os dados de mais de uma data”, detalha Jerônimo.

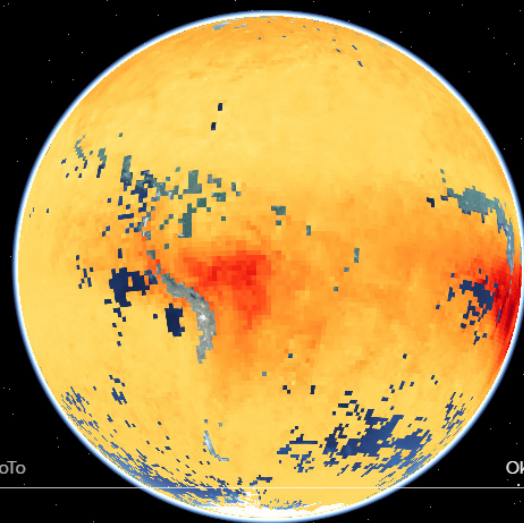
A participação na competição da Nasa foi possível porque o grupo venceu o Hackathon (maratona de programação), disputado na PUC Minas, em Belo Horizonte, em outubro de 2019.

Virando noites

Na disputa em Belo Horizonte, os estudantes ficaram acordados por 48 horas seguidas para desenvolver o projeto. “Havia vários temas propostos, mas como tenho familiaridade com visualização, sugeri esse assunto para a equipe. Com isso, extraímos os dados que são fornecidos de forma estática e transformamos em algo que as pessoas pudessem ver na prática”, explica.

O nome goto.lua foi escolhido por estar relacionado a linguagens de programação – lua é a extensão utilizada para salvar arquivos de código, e goto é palavra-chave da linguagem de programação C.

Carbon Monoxide (1 month - Terra/MOPITT)



GoTo

Ok

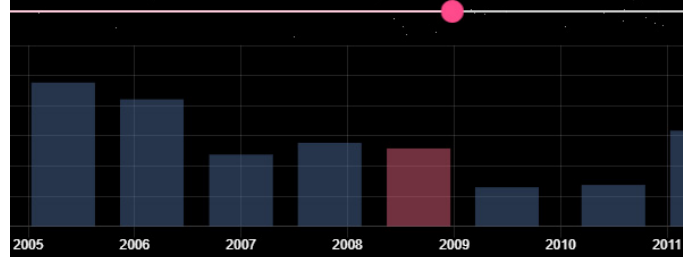


Imagem do globo: representação visual das mudanças climáticas

A competição é realizada simultaneamente em várias cidades do mundo. Os participantes encaram desafios reais desenvolvidos pela Nasa e, para solucionar as questões, têm acesso a dados da agência espacial. No Hackathon, as equipes de até cinco pessoas trabalharam de forma intensa para criar uma solução dentro do tema escolhido. Os dois melhores projetos de cada cidade passaram para uma segunda seleção.

Relevância

A menção honrosa foi concedida às equipes que ficaram entre o sétimo e décimo primeiro lugares. A equipe goto.lua competiu com mais de 29 mil participantes, somadas as duas etapas, e por pouco não foi escolhida para visitar as estruturas da Nasa, em Cabo Canaveral, nos EUA, oportunidade dada às seis primeiras classificadas.

“Apesar da decepção por ficar tão perto da premiação, foi uma surpresa muito grande ver algo que fizemos em tão pouco tempo ter toda essa relevância”, destaca Jerônimo. Para ele, a boa colocação é reflexo da preparação fornecida pelo DCC. “Três equipes do Brasil ficaram entre os onze primeiros. Isso mostra que nossa formação em engenharia é competitiva no cenário mundial”, enfatiza Nunes.

Alexandre Alphonsos é mestrando e pesquisador no laboratório Luar; Bruno Conde Kind e Jerônimo Nunes são graduandos e pesquisadores, respectivamente, no Laboratório de Compiladores e no Laboratório NanoComp, todos instalados no DCC.

Arquivo pessoal



Alexandre Alphonsos, Bruno Conde Kind e Jerônimo Nunes: para chegar à competição internacional, equipe venceu maratona de programação

Arquivo pessoal

MERCADO PITORESCO

O Centro Cultural UFMG abriga, até 5 de abril, a exposição *Viagem pitoresca pelo Mercado Central de BH*, da artista plástica Rita de Souza. A mostra reúne 25 desenhos em grafite sobre papel que valorizam elementos que remetem a histórias e lembranças e buscam instigar a memória do visitante por meio dos objetos representados. O processo de criação das obras foi desenvolvido de 2015 a 2018 com base em expedições de Rita de Souza ao Mercado Central, que concentra múltiplos aspectos da cultura mineira.

Nascida em Belo Horizonte, Rita é bacharel e licenciada em Artes Plásticas pela Escola de Belas Artes da UFMG e graduada em História da Arte pela Université de Montréal, no Canadá. A mostra pode ser visitada na sala Celso Renato do Centro Cultural, que fica na Avenida Santos Dumont, 174, Centro, próximo à Praça da Estação. A entrada é gratuita.

EDUCAÇÃO PÚBLICA

A doutoranda em Linguística Aplicada Érica Sarsur, do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos (Poslin) da Faculdade de Letras, está recrutando voluntários de diferentes regiões, idades, classes sociais, profissões e níveis de escolaridade para responder a um questionário on-line que tem o objetivo de identificar a percepção do brasileiro sobre educação pública.

O conjunto de respostas deverá revelar como as pessoas enxergam a condição social dos estudantes de escolas públicas, como avaliam o sistema de cotas, a qualidade dos professores brasileiros e a forma de ingresso de alunos de escolas públicas em universidades.

O preenchimento do questionário (<https://bit.ly/3bPQzXg>) tem duração máxima estimada de dez minutos, e o anonimato do participante será assegurado. A pesquisa é orientada pelo professor Christian Degache, do Poslin. Dúvidas poderão ser encaminhadas ao endereço de e-mail esarsur1@gmail.com.



Prédio da Reitoria no campus Pampulha

RANKING DOS EMERGENTES

A UFMG é a instituição federal brasileira de ensino superior mais bem classificada no Emerging Economies University Rankings 2020, da revista britânica Times Higher Education (THE). No levantamento, divulgado no último dia 19, a instituição integra, pela primeira vez, o primeiro quartil de classificação, ou seja, figura na faixa das 25% melhores entre todas as universidades incluídas na avaliação. A UFMG é a única federal brasileira com presença nesse grupo.

Ao todo, 533 universidades de 47 países ou regiões foram listadas na edição deste ano (<https://bit.ly/32ebgyl>), que abrange mais de 30 campos do conhecimento. A UFMG alcançou a quarta colocação no Brasil (132º lugar geral), atrás da USP (14ª posição geral), da Unicamp (55ª colocação) e da PUC-Rio (88º lugar). A segunda federal brasileira mais bem posicionada no levantamento é a UFRGS (134º lugar geral).

O levantamento reúne países, como a China, que já estão entre as maiores economias do mundo, apesar de consideradas emergentes por uma série de outros critérios.

Nos últimos anos, a UFMG manteve curva crescente em sua posição relativa no ranking. Em 2017, em um universo de 300 instituições, a Universidade integrava o percentil 43 do montante, na 129ª posição. Neste ano, entre 533 instituições, a Universidade ficou na 132ª posição, passando a integrar o percentil 25 das mais bem avaliadas. Os indicadores do Emerging Economies University Rankings consideram as prioridades de desenvolvimento das universidades das economias emergentes.

MEDO DAS CIÊNCIAS?

O projeto de extensão Filosofia na Praça, promovido pelo Departamento de Filosofia da UFMG, será realizado neste semestre orientado pelo tema *Quem tem medo das ciências?*. As discussões terão foco nas relações da filosofia com a arte e as ciências humanas e exatas.

As conversas terão como fios condutores os conceitos de verdade, conhecimento, argumentação e justificação, à luz de autores clássicos como Aristóteles, Galileu, Dante e Brecht. Os módulos vão abordar *Cosmologias filosóficas e suas apropriações poéticas* (professores Fernando Rey Puente e Maria Cecília Coelho), *Ciência, crítica e esclarecimento* (Eduardo Soares), *Aspectos da revolução científica* (Tulio Xavier) e *Uma lógica da desinformação* (Abílio Rodrigues). Todos os professores são do Departamento de Filosofia.

O curso, dividido em quatro módulos, ocorrerá de 11 de março a 24 de junho, no Espaço do Conhecimento UFMG, na Praça da Liberdade, e as inscrições devem ser feitas até 12 de março, no caso do curso completo. Para módulos específicos, há prazos diferentes. As inscrições podem ser feitas no site da Fundep (<https://bit.ly/2uf3VCd>).

'LOUCURAS FEMININAS'

O curso *A psicanálise e as loucuras femininas: contemporâneas e de outrora* recebe inscrições, até 15 de março, na página da Fundep (<https://bit.ly/329a4wo>). Com 16 horas-aula, a formação é aberta, sobretudo a estudantes e profissionais da área de saúde mental.

O curso vai tratar da feminilidade dos tempos atuais e do passado, com base em casos descritos nos textos da psicopatologia lacanianiana e freudiana. Com base nesses registros, as consequências das ditas "loucuras femininas" serão analisadas de acordo com o discurso atual. A cada semana, diferentes expositoras abordarão uma história diferente.

As aulas serão realizadas no Conservatório UFMG, de 18 de março a 24 de junho, sempre às quartas-feiras, das 19h às 21h. São oferecidas 66 vagas.

ESCAPE POÉTICO

Tese da FaE investiga livros não ficcionais para crianças que lançam mão de elementos da literatura e das artes visuais

Itamar Rigueira Jr.

No livro *Plume*, publicado em 2012, a escritora e ilustradora francesa Isabelle Simler oferece breve compêndio de aves, desde as mais comuns, como a galinha e o pato, até outras menos conhecidas, como o íbis e o martim-pescador. Destinado ao público infantil, o volume fornece informações sobre os bichos – nesse sentido, é natural pensar que se trata de um livro restrito à divulgação científica. Mas a autora introduz ao menos um elemento que incita à imaginação: em cada página, aparece um pedaço do corpo de um gato, de nome Plume (pena, em francês).

A obra de Isabelle Simler é exemplo claro de um produto híbrido, que introduz elementos ficcionais na não ficção, e um dos 30 livros, brasileiros e estrangeiros, analisados na pesquisa de doutorado do bibliotecário Marcus Vinícius Rodrigues Martins, defendida em fevereiro deste ano no Programa de Pós-graduação em Educação da UFMG.

“Investiguei obras que apresentam a ideia de complementaridade, nas quais se encontra a ficção dentro da não ficção. Elas trabalham a informação e, ao mesmo tempo, a delicadeza e a imaginação”, comenta Marcus Vinícius. Segundo ele, os livros não ficcionais superam a perspectiva do conteúdo didático e escolarizante, oferecendo maneiras diferentes de as crianças ampliarem seu repertório em espaços como a casa, um museu, um parque ou uma biblioteca fora da escola.

“Esses livros têm em comum um escape poético, eles fazem a informação dialogar com a literatura e as artes visuais. Além disso, convocam à participação do pequeno leitor,

que interage com a obra. Faz-se uma aliança da voz da criança com a do adulto especialista. Em um dos volumes que estudei, o autor sugere que o leitor fotografe nuvens, antes de abordar o assunto do ponto de vista científico”, explica o pesquisador.

uso de dispositivos ficcionais, como forma de quebrar a racionalidade científica tão presente na não ficcionalidade”, segundo trecho da tese.

O autor ressalta que, nas escolas, o interesse é maior pelos livros de ficção, e as obras não ficcionais são tratadas apenas como suporte didático para conteúdos disciplinares. Ele considera que esses livros têm potencial mais amplo, de “abrir um tema e apresentar o mundo” ao público infantil. Na tese, Marcus recorre a ideias da teórica canadense Nikola Von Merveldt para esclarecer a interação entre imagem e palavra. “Muitos livros não ficcionais equiparam o texto visual e o verbal na construção da informação. Assim, não há sobreposição de discursos para informar o leitor. Ademais, elementos como a fuga de convenções referentes à divulgação científica e a multiplicidade de vozes dialogam para atingir um constructo verbal e visual coerente”, escreve o agora doutor em educação, que foi orientado pela professora Célia Abicalil Belmiro.

Um dos aspectos a que Marcus Vinícius Martins pretende se dedicar é o da mediação. Segundo ele, é preciso discutir como conduzir rodas de leitura com base nas obras híbridas e apresentar esse gênero a mediadores em potencial, como professores, pedagogos e bibliotecários. O pesquisador sugere ainda alguns temas para futuros estudos, como a presença de recursos como gráficos, infográficos e mapas conceituais nas obras não ficcionais, novos direcionamentos para a divulgação de ciência, o intercâmbio da educação artística com a científica e a estética da não ficção.



Página de *Plume*: presença do gato estimula a imaginação

Pêndulo ampliado

De acordo com Marcus Vinícius Martins, os estudos sobre obras não ficcionais para a infância são incipientes, mesmo em países com tradição de pesquisa sobre livros infantis. A base bibliográfica para seu trabalho incluiu produção teórica em português, francês, espanhol e inglês. “Encontrei, com muita frequência, nesse material, uma separação bem marcada entre ficção e não ficção, o que parece explicar a falta de construções teóricas sedimentadas”, diz o bibliotecário.

Marcus explorou a metodologia de expansão na arquitetura de sua análise. Com isso, ele logrou “ampliar o pêndulo entre ficcionalidade e não ficcionalidade para pensar a obra híbrida e dar visibilidade ao